Entrevistas semiestruturadas como estratégia de levantamento de dados para a produção de material didático sobre Fonética e Fonologia para deficientes visuais

Gabriela de Souza Marques (PIC/UEM), Edson Carlos Romualdo (Orientador), e-mail: gsmarqueslp@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

Linguística, Linguística Aplicada

Palavras-chave: fonética, fonologia, necessidades especiais

Resumo

Com a entrada cada vez maior de pessoas com necessidades especiais no ensino superior, as universidades precisam estar preparadas para cumprir o que prevê a legislação, embora esta não demande a capacitação docente para lidar com esses casos específicos que, muitas vezes, constituem grandes desafios, como a dificuldade encontrada por um professor em levar os símbolos fonéticos e fonológicos a uma acadêmica deficiente visual do curso de licenciatura em Letras da Universidade Estadual de Maringá – UEM. Esse entrave na formação da acadêmica motivou nossa pesquisa de iniciação científica. De toda a pesquisa, recortamos para essa comunicação a análise das entrevistas feitas com profissionais da Educação Especial para descobrirmos qual a melhor forma de adaptarmos um material de fonética e fonologia para os alunos com necessidades especiais visuais. O resultado dessa etapa de nossa pesquisa, de caráter qualitativo-interpretativista, apontou o Braille como a melhor maneira de adaptar os símbolos, abandonando a hipótese inicial do uso do relevo para isso.

Introdução

A dificuldade encontrada por um professor de Linguística da UEM, pela ausência de meios para levar a uma acadêmica deficiente visual os símbolos fonéticos e fonológicos, fundamentais para uma boa formação no que diz respeito aos níveis de estruturação interna da língua portuguesa, demonstra o quão complexos podem ser os entraves no processo de inclusão. Com o intuito de vislumbrar a melhor forma de representar esses símbolos, desenvolvemos nosso projeto de iniciação científica, uma vez que não havia celas Braille para tais representações, o que o professor descobriu quando

recorreu ao Programa Multidisciplinar de Pesquisa e Apoio à Pessoa com Deficiência e Necessidades Educativas Especiais (PROPAE), responsável pela adaptação de materiais aos não videntes acadêmicos da UEM.

A pesquisa está inserida no paradigma qualitativo-interpretativista e teve como meio de coleta de dados a entrevista semiestruturada, realizada com profissionais especializados da Educação Especial, com o intuito de encontrar, na formação e vivência deles, um possível caminho a ser seguido diante da lacuna encontrada. O objetivo dessa comunicação é mostrar a constituição e análises das entrevistas feitas com tais profissionais, na tentativa de descobrirmos qual a melhor forma de adaptarmos um material de fonética e fonologia para os alunos com necessidades especiais visuais.

Materiais e métodos

Como metodologia de coleta de dados, escolheu-se a entrevista semiestruturada que, segundo Triviños (2012), é um dos principais meios que possui um investigador em uma pesquisa qualitativa, pois – além de valorizar a presença deste – permite a espontaneidade por parte do informante, o que enriquece muito o processo de investigação.

O primeiro passo foi organizar o roteiro de questionamentos básicos, de onde parte a entrevista semiestruturada. Para isso, foram elaboradas perguntadas que resultaram de toda a informação recolhida sobre o fenômeno social interessado: a ausência de representações dos símbolos fonéticos e fonológicos para os deficientes visuais.

As perguntas organizaram-se em três eixos temáticos: o primeiro deles constituiu-se de três questões que instrumentalizaram conhecer os informantes, bem como a formação de cada um deles e o que viam como facilidade e como dificuldade no trabalho com os não videntes; o segundo eixo, incorporado por seis questões, aparelhou a investigação acerca dos recursos já utilizados pelos informantes, o que incluiu perguntas sobre o Braille e suas limitações; o terceiro e último eixo, por sua vez, almejou, por meio de duas questões, saber qual seria o recurso mais eficaz no processo de ensino e aprendizagem de cegos quando o Braille é insatisfatório, e como tal recurso seria aplicado para a representação dos símbolos fonéticos e fonológicos.

As entrevistas foram realizadas com cinco profissionais especializados da Educação Especial da cidade de Maringá – dois deles deficientes visuais –, que são mencionados como informantes I, II, III, IV e V, e tivemos, ainda, a participação, incidental, de um sexto informante, durante a entrevista realizada com os informantes IV e V. Todas as entrevistas foram gravadas pela câmera de um notebook e transcritas imediatamente após sua realização, como idealiza Triviños (2012). Optou-se pela gravação ao invés de anotações, porque os áudios e vídeos permitem o acesso a todo o

conteúdo apresentado pelos informantes em momentos posteriores à entrevista, garantindo uma análise mais precisa dos dados. Inicialmente, a presença da câmera inibiu um pouco as informantes, mas logo omitiram o equipamento e agiram espontaneamente.

Resultados e Discussão

Todos os informantes são qualificados para o trabalho com não videntes e com grande experiência profissional no manejo de materiais para esse público. Os informantes IV e V, que trabalham com a produção de diversos materiais para deficientes visuais há anos, propuseram a adaptação do material acerca de Fonética e Fonologia para o Braille – inclusive dos símbolos – pois este satisfaz todas as exigências apontadas nas entrevistas para um bom material destinado a deficientes visuais:
1) permite a autonomia por parte do aluno deficiente visual;
2) diferentemente de outras formas de relevo, não requer grande exercício de abstração do aluno deficiente visual;
3) é agradável ao tato;
4) pode ser reproduzido pelas impressoras Braille, capazes de converter todo tipo de texto eletrônico para o Braille, o que garante a padronização e a produção em massa.

Os demais informantes, I, II e III, concordaram com a proposta, visto que também apontaram ser o Braille o recurso mais eficaz no processo de ensino e aprendizagem de cegos, e ainda porque – além das quatro razões supracitadas – a escolha de outro recurso didático poderia apresentar dificuldades de aplicação durante ausência de materiais indispensáveis para a sua produção.

Assim, iniciou-se o trabalho de adaptação do livro **Fonética e Fonologia** (2011), pelas informantes IV e V, profissionais do Centro de Apoio Pedagógico (CAP). O livro original, em tinta, está dividido em cinco capítulos, dentre os quais dois tratam de questões teóricas gerais acerca de Fonética e Fonologia, e os outros três abordam questões de aplicação prática dessas ciências à variação linguística, à escrita e à expressividade fônica, sucessivamente. A linguagem verbal foi transposta para o Braille, na versão adaptada, sem o menor problema. Os elementos não verbais foram transpostos de acordo com as suas peculiaridades e com o que estas poderiam influenciar para uma melhor compreensão do aluno não vidente acerca do que seria representado. Todos os símbolos fonéticos e fonológicos foram adaptados para o Braille, dando origem a um material inédito para o trabalho com alunos de Letras com necessidades especiais visuais.

Conclusões

A pesquisa empreendida permitiu concluir, por meio das entrevistas semiestruturadas com os profissionais especializados, que o Braille foi o melhor recurso para adaptar o livro sobre fonética e fonologia. Em linhas gerais, o relevo não é ineficaz, de forma alguma. Para muitos materiais ele é a melhor opção. Nosso projeto de pesquisa, por meio das entrevistas semiestruturadas, desmistificou a ideia de que todo e qualquer material para alunos deficientes visuais deve ser reproduzido, exclusivamente, em relevo, inclusive porque se iniciou a pesquisa com influências dessa crença, o relevo era uma forte hipótese. Observou-se que, assim como são heterogêneos os materiais, acabam sendo também os recursos didáticos. A escolha do recurso deve ser pensada por profissionais que tenham experiência com não videntes e vivências que os reportem à forma como estes se comportam diante de um e de outro recurso didático.

A participação dos informantes, principalmente os deficientes visuais, foi crucial no processo de investigação, por subjugar a hipótese de que a melhor maneira de representar os símbolos fonéticos e fonológicos para os não videntes seria alguma forma de relevo. A esse importante fator, somaram-se outros dois: o apresentado pela informante V, ao relatar que a produção de material para deficientes visuais em relevo é difícil, porque o material precisa ter funcionalidade, de modo que considere as dificuldades dos cegos em reconhecer o que está ali representado e, assim, traga diversas texturas; também o fato de todos os informantes terem respondido que o Braille é o recurso mais eficaz no processo de ensino e aprendizagem de cegos, apesar dos aspectos negativos, como a questão do volume dos materiais em Braille e o tempo que demoram a ser produzidos.

O estudo provou que, embora haja uma legislação específica que assegure o atendimento aos alunos com necessidades especiais, em específico aos alunos não videntes, as instâncias governamentais não proporcionam, muitas vezes, o suporte necessário ao docente que irá trabalhar com esses alunos. Nesse viés, a pesquisa teve papel importante, pois permitiu a ressignificação de um contexto em que o professor viu-se desamparado.

Referências

ANTONIO, J.; BENITES, S. A. L. **Fonética e Fonologia**. Maringá: Eduem, 2011.

TRIVIÑOS, A. N. S. Entrevista semiestruturada como técnica de coleta de informações. In: **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. 1. ed. 21. reimpr. São Paulo: Atlas: 2012. p. 145-152.